

Animação no universo contemporâneo: o sincretismo dos desenhos animados e sua relação com o público infantil

AYLANA TEIXEIRA PIMENTEL CANTO

Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará, em 2013. Realizou trabalhos em arte-educação, inclusão e mediação em espaços culturais. Com ênfase no desenho, animação e teoria semiótica.

RESUMO

Este trabalho visa expor a importância das animações (textos sincréticos) produzidas recentemente pelo ser humano no universo infantil, no intuito de proporcionar a difusão dos ideais sociais, consagrando-as como fonte de entretenimento, expressão artística, cultural e social. Para as devidas considerações sobre os exemplos que serão citados, este trabalho ampara-se na teoria semiótica do texto e em conceitos da psicanálise.

Palavras-chave: Sincrética. Humanidade. Discurso.

ABSTRACT

This paper aims to explain the importance of the animations (syncretic texts) recently produced by the human in the infant universe in order to provide the diffusion of social ideals, consecrating them as a source of entertainment, artistic, cultural and social expression. For appropriate consideration of the examples to be cited, this work is based in semiotic theory of text and concepts of psychoanalysis.

Keywords: Syncretic. Humanity. Speech.

PRÓLOGO: DAS CAVERNAS ÀS CONCEPÇÕES CRIATIVAS

CONTEMPORÂNEAS

O homem é um ser comunicador. Carece de registrar o que vive e difundir, pois, pensamentos. Apresenta uma iminente necessidade de personificar tudo em sua volta, atribuindo-lhes, dessa forma, significado. Seja por qual meio for concebido, historicamente, o ser humano tenta entender o mundo que o abriga, segue refletindo e representando tudo que lhe estiver ao alcance e apto a ser codificado.

Desde cedo almejamos proteger nossas gerações por uma série de medidas que são padrões em qualquer organização social. A exemplo, o fato de mantermos instituições difusoras desses pressupostos denominadas escolas, criadas para que nossas proles possam estar cientes dos perigos que as rodeiam, conhecê-los e aprender a lidar com eles. Freud¹ já ressaltava no livro *O Futuro de uma ilusão*², sobre a crença humana – a religião como agente de repressão dos impulsos – ponderando acerca das motivações que levam o homem a acreditar em histórias calcadas no campo da irrealidade – atribuindo-lhe a responsabilidade do que o psicanalista chamou de “atrofia intelectual humana” (FREUD, 2010, p. 32 e 78).

No entanto, deve-se ter a sabedoria de entender que a época em que o pai da psicanálise cunhou sua teoria difere, visto que aquela apresentava certo aspecto de obscuridade, pois pouco ou quase nada se conhecia sobre o assunto. Quanto a isso, Gombrich³ elucida nos escritos de *História da Arte*⁴ sua discordância à subestimação dos saberes atribuídos a estes “homens das cavernas” em contraponto aos contemporâneos:

Chamamos a esses homens “primitivos” não porque sejam mais simples do que nós – os seus processos de pensamento são, com frequência mais complicados do que os nossos – mas por estarem mais próximos do estado donde, em dado momento, emergiu toda a humanidade (GOMBRICH, 1979, p. 15).

1.

Sigmund Freud (1856–1939) foi um médico judeu considerado o pai da psicanálise. Suas contribuições sobre o estudo da mente humana são base para estudos nessa direção.

2.

O Futuro de uma ilusão é o livro publicado em 1927 em que Sigmund Freud debate acerca da relação do homem com a religião.

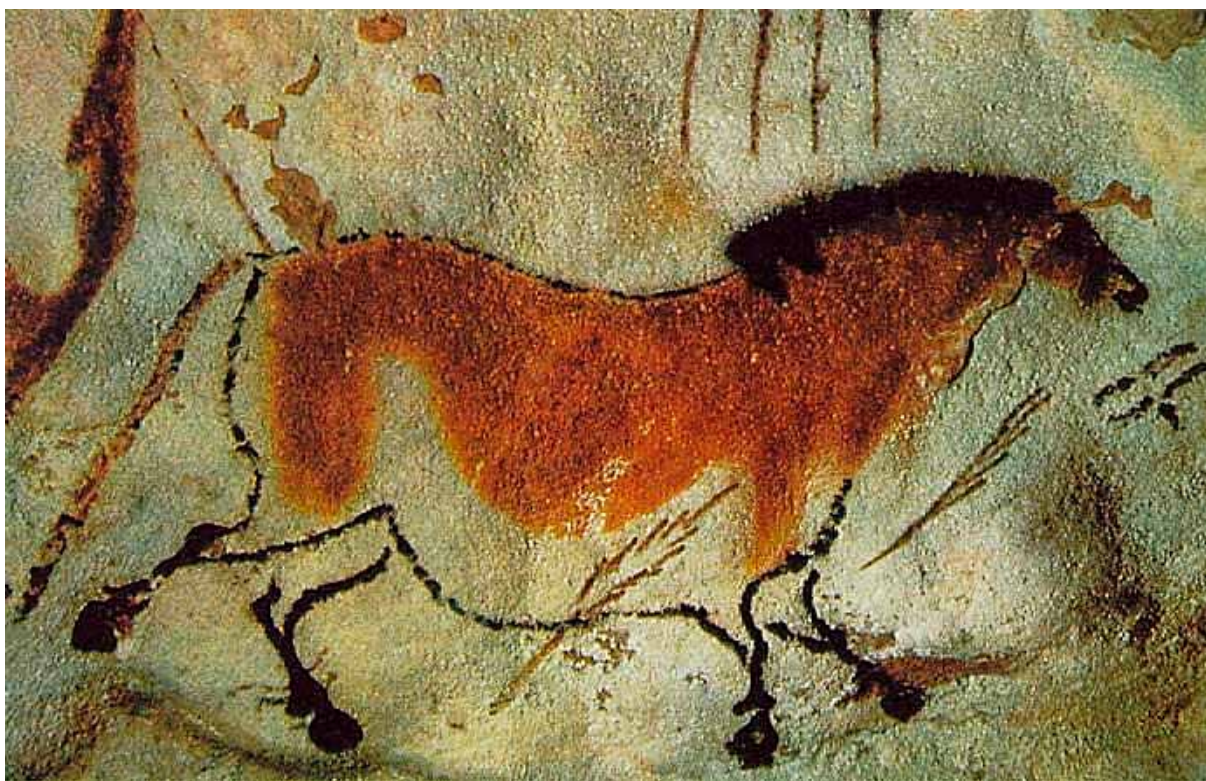
3.

Ernst Hans Josef Gombrich é um dos historiadores da arte mais conhecidos no mundo. Além da forte relação com a psicanálise, publicou diversos livros sobre História da Arte que são fundamentais para qualquer estudo nesse sentido.

4.

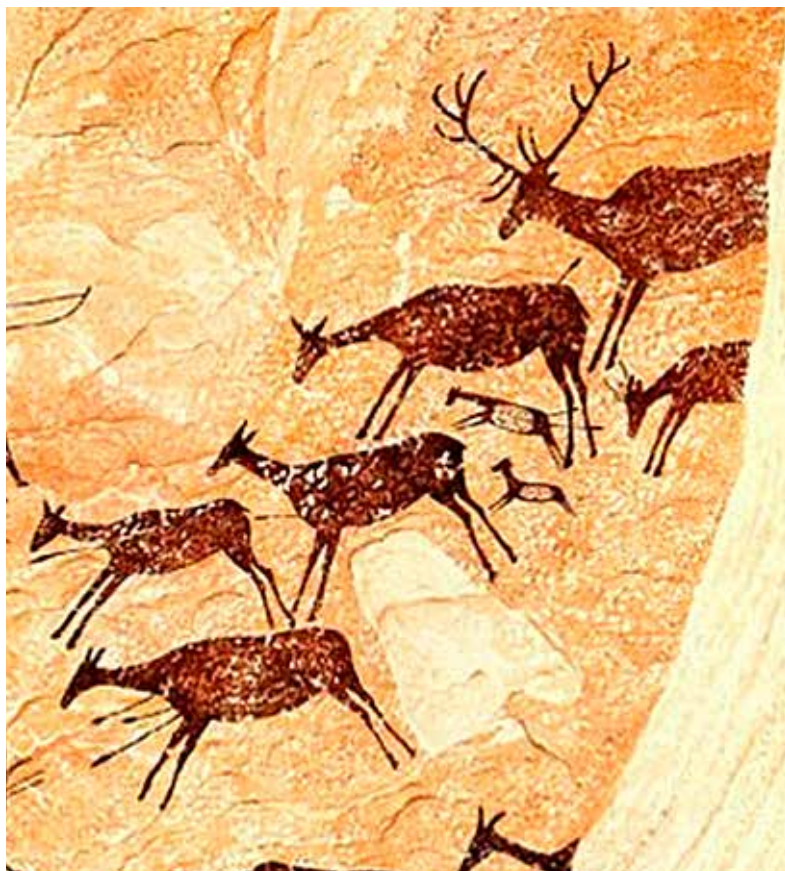
História da Arte é um dos livros conceituados deste autor, publicado em 1950. Trata a arte no percurso da história, bem como os artistas e obras que a compõe.

Essas representações pictóricas traduzem a necessidade que o “homem primitivo” já apresentava e que ainda apresentamos intensamente sobre a busca plena de conforto e segurança na tentativa constante de “tornar suportável o desamparo humano” (FREUD, 2011, p. 60). Por isso a constante personificação da natureza como agente protetor e punitivo, de acordo com o grau de sabedoria que o homem possa vir a erigir no ato de desfrutá-la em todas as suas propriedades. Freud acreditava que o homem exerce essa personificação em tudo que tem objetivo de compreender e em seguida dominar (FREUD, 2011). As técnicas de sobrevivência projetadas por esses homens em paredes rústicas, demonstrando uma destreza e conhecimento de pigmentos e formas, podem ser evidências do que o pai da psicanálise



Pintura rupestre encontrada da Europa Central

Disponível em: <https://domusapientiae.files.wordpress.com/2010/06/s1_ziare_com.jpg>. Acesso em: 21 set. 2015



Pintura rupestre

Disponível em : <http://turismoarturbana.files.wordpress.com/2011/08/turismo_arte_urbana_pinturas_ruprestes.jpg>. Acesso em: 21 set. 2015

considerou.

Nesse aspecto, as narrativas orais, passadas de povos em povos, servem de amparo para evidenciar a busca de uma raça em estabelecer-se pela eternidade, protegendo suas crenças, mitos e cultura. Fertilizam o terreno promissor do imaginário infantil, que, depois de sofrer a desvalorização tenebrosa da Idade Média⁵, recebeu o devido valor no decorrer das décadas de nossa história, em que as crianças passaram de criaturas infortunadas e frágeis demais para serem consideradas com mais vigor a seres dignos de atenções especiais, justamente pela fragilidade que evocam.

Maria Rita Kehl⁶, no prefácio do livro do casal Corso, *Fadas no divã*⁷, é bem explícita quanto a isso, reiterando os posicionamentos intrínsecos nos escritos do casal de psicanalistas: “Ouvir histórias é um dos recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa imaginário que indica seu

5.

Somente na Idade Média a concepção sobre infância alcançou parâmetros próximos do entendimento atual; antes, contudo, as crianças eram consideradas seres comuns, um tanto pequenos, mas não havia a preocupação com a infância ou em filtrar informações aos pequenos (CORSO, 2006, p. 26.).

6.

Maria Rita Kehl é uma psicanalista, ensaísta e cronista brasileira. Nasceu em Campinas, São Paulo em 1951.

7.

Livro que leva os contos de fadas até os divãs psicanalíticos e analisa histórias de projeção global no cerne de seus enredos, decompondo significados e aspectos de formação de sentido, bem como patologias psicanalíticas que não cabe aqui serem especificadas, mas já antes deflagradas por Bettelheim (psicólogo judeu norte-americano nascido em 1903, em Viena. Voltou seus estudos para o atendimento de crianças com autismo, como também na análise dos contos de fadas disponibilizados ao público infantil) em *A psicanálise dos contos de fadas*, que trata da relevância dos contos de fadas no mundo infantil.

lugar, na família e no mundo.” (CORSO, 2006, p. 18). E o que seria de nós sem nossa imaginação?

Durante a vida adulta, ainda estamos conectados a esse imaginário infantil que acumulamos em nossos dias vitais. De posse dessa criança, criamos mundos paralelos, ficções do real que almejamos um dia, histórias fantásticas que até os dias atuais vigoram e curiosamente permanecem em nossa sociedade. Assim como os mitos, os contos de fadas são “estruturas que permitem gerar sentidos” (CORSO, 2006, p. 28). São progressos de nossos sonhos mais íntimos – pulsões refletidas do inconsciente –, mas além disso, tematizam aspectos comuns a uma maioria, enredos com os quais a maior parte da sociedade se identifica.

Os desenhos animados – foco desta análise – são exemplo do que se mencionou acima. Por meio deles, podemos perceber as alterações que têm consagrado esse tipo de linguagem desde quando Émile Cohl exibiu seu *Fantasmagorie*⁸ pela primeira vez, considerado um marco na história da animação.

Mudanças de reprodutibilidade têm sido evidentes com o decorrer dos tempos e de acordo com aspectos culturais e sociais. As dimensões de expressão⁹ – cromática (cor), eidética (forma) e topológica (espaço)¹⁰ – têm sido exploradas com avidez pelas criações que compõe nossa história. Esse fato é processual e necessário.

Todos esses recursos e avanços providos pelo ser humano foram os meios que alcançamos para nos expressarmos enquanto existência. De acordo com a época e com os acontecimentos que vivia, o homem se adaptou e transpôs significados. É o cerne de nossa estrutura, aparentemente, infindável.

VERSÕES DE UMA HISTÓRIA DA INFÂNCIA HUMANA

Analisando de forma enfática as produções feitas em nossos dias, entendemos que uma fórmula parece se repetir. Analogamente, a despeito das adequações necessárias mediante demandas contemporâneas, finalmente, aquela

8.

Criada por Émile Cohl, em 1908, foi a primeira animação da história.

9.

Dimensões de expressividade de um texto, quanto ao seu plano de expressão, segundo os preceitos greimasianos.

10.

Soma-se, ainda, uma quarta dimensão, a matérica, que, como o nome já diz, remete à materialidade.

Branca de Neve¹¹ submissa e bondosa travando a angustiada fuga da morte retorna em animações infantis ora encantando pássaros com seu canto salvador herói – Shreck¹² – ora travando uma verdadeira luta corporal com o príncipe ou com os vilões em filmes lançados recentemente – *Branca de Neve e o Caçador*¹³ e *Espelho, espelho meu*¹⁴. Tendências expressas em mídias atuais que elucidam focos contemporâneos, em que os efeitos tecnológicos, por vezes, sobrepoem os enredos. Há o surgimento de uma nova linguagem



Imagem de divulgação de *Schreck*

Disponível em: <http://images.fanpop.com/images/image_uploads/Shrek-the-Third-shrek-135320_1280_960.jpg>. Acesso em: 21 set. 2015



Imagem de divulgação de *Branca de Neve e o caçador*

Disponível em: <http://www.cinepop.com.br/fotos2/brancadeneveeocacador_32.jpg>. Acesso em: 21 set. 2015

11.

Tradicional conto de fadas, advindo da cultura oral antiga, amplamente revisitada pelos irmãos Grimm entre os anos 1812-1822. Influenciou e influencia muitas gerações, e seu legado renasce em cada releitura que trata do mesmo tema de diferentes pontos de vista.

12.

Animação de 2001, dirigida por Andrew Adamson e Vicky Jensen.

13.

No título original: *Snow White and the Huntsman*, dirigido por Rupert Sanders, escrito por Evan Daugherty e exibido em 2012.

14.

Filme com Julia Roberts. Título original: *Mirror Mirror*, adaptação do conto dos irmãos Grimm; exibido em 2012, dirigido por Tarsem Singh e criado por Melisa Wallick.



Imagem de divulgação de *Espelho, espelho meu*

Disponível em: <http://atrevida.uol.com.br/upload/imagens_upload/espelho_01.jpg>. Acesso em: 21 set. 2015

expositiva, que se nutre das anteriores, porém moldada aos requintes do presente, estabelece-se rumo a outras prioridades.

Contudo, como Bettelheim já exaltava em seu livro *A psicanálise nos contos de fadas*, o objetivo permanece o mesmo: “Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a *encontrar significado na vida*.” (BETTELHEIN, 2002, p. 3, grifos meus).

As animações que produzimos seguem esses pressupostos, se olharmos analogamente. Cada vez mais a criatividade impera nas produções que chegam até as telas e finalmente aos nossos olhos. Podemos atribuir o fato de que as releituras sejam tão bem assistidas quanto as versões originais, não importa somente como uma coisa é, e sim de quais

pontos de vista podemos vê-la e de que forma ela se fará perceptível a nós. Isso é o que nos leva a ir ao cinema assistir à terceira versão de um título famoso – um exemplo clássico é contar quantas vezes assistimos à jovem moça branca como a neve e de lábios bem vermelhos na telinha.

TEXTOS SINCRÉTICOS

Ponderando acerca do conteúdo disposto em vários veículos midiáticos, perceberemos que estamos rodeados por essa modalidade comunicativa – os textos sincréticos. Assim como nossos antepassados, ainda nutrimos e difundimos nossa capacidade em produzir textos para poder fazer-se sentido.

Nesse aspecto, o termo texto aqui alcança amplas proporções. Entendamos texto como veículo de significação em que em sua totalidade estão vinculados dois planos paralelos e inter-relacionados: o *plano de expressão* e o *plano de conteúdo*. Desses planos, o primeiro diz respeito às dimensões (matérica, topológica, cromática e eidética) com as quais o texto chega às vias de expressar seu significado, neste caso, ao segundo plano.

Nessa perspectiva, um texto sincrético é aquele que consegue manter a relação entre diversos sistemas de linguagem, mesmo que não estejam sincronizados em sua totalidade. Este estudo, por exemplo, trata de um modelo de texto sincrético que é o desenho animado para televisão. Resigno a palavra ao teórico e consagrado semiótico Greimas¹⁵, que exprime em linhas acadêmicas o que acabei de relatar concisamente, em suas amplas pesquisas sobre a semiótica discursiva, ao considerar:

[...] serão consideradas como *sincréticas* as semióticas que – como a ópera e o cinema – acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo linguístico: inclui igualmente elementos paralinguísticos (GREIMAS, 2012, p. 467, grifos do autor).

A *semiótica discursiva*¹⁶ estuda os procedimentos que fa-

15.

Algirdas Julien Greimas foi um linguista que estudou e contribuiu amplamente para a teoria semiótica; nasceu na Rússia em 1917.

16.

Que diz respeito a teorias do discurso e do estudos do linguista Greimas.

zem o texto comunicar seu conteúdo. Os desenhos animados para televisão são textos amplamente difundidos para o público infantil contemporâneo, e o estudo desses textos sincréticos, por meio da teoria semiótica, podem auxiliar no trato dessa relação de audiência em diversos meios que ela evoca.

ALGUNS EXEMPLOS DE ANIMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Um dos textos sincréticos mais difundidos na mídia de nossa época para o público infantil é o desenho animado. A relação midiática com as crianças está cada vez mais intensa. A preocupação adulta versa sobre como proporcionar esses textos para o público da melhor forma possível, por isso, é imprescindível o estudo dessa audiência para o humano.

As animações e os filmes produzidos nos últimos anos, levando-se em conta os parâmetros ocidentais, emanam dimensões do plano de expressão. Sobressaem-se nas di-



Imagem de divulgação de *The Lorax*

Disponível em: <<http://goo.gl/cRS8gv>> Acesso em: 21 set. 2015



Imagem de divulgação de *Detona Ralph*
Disponível em: <<http://goo.gl/qg6ine>>. Acesso em: 21 set. 2015

mensões cromáticas, animações como *The Lorax*¹⁷ e *Wreck-It Ralph (Detona Ralph)*¹⁸, ambas produções do ano de 2012 que valoram as propriedades cromáticas na maior parte das sequências.

Algumas exaltam a *dimensão eidética*, consagrando as formas mais exageradas para chamar atenção de um público específico e compor uma linguagem sincrética lúdica, dando ênfase nas às formas arredondadas e quadradas, como é o caso das animações *Up*¹⁹ e ainda nesse aspecto, *Wreck-It Ralph (Detona Ralph)*.

Outras, por sua vez, sobrepõem a dimensão topológica em seu cerne, despertando no público infantil certo desdobramento reflexivo no que concerne ao conceito de espacialidade, de lugar no mundo, de ambiente no sentido de tratarem do mundo infantil – ou em certos casos, tratando da vida em mundos diversos, como o mundo animal ou mundo extraterrestre – representando particularidades que os pequenos conhecem bem e que os adultos se esforçam em retomar. Nesses exemplos enquadram-se animações do tipo *Finding Nemo (Procurando Nemo)*²⁰, *Monstros S.A.*²¹, *Toy Story*²².

17.

Animação produzida pelos estúdios Illumination Entertainment e dirigida por Kyle Balda e Chris Renaud.

18.

Animação produzida por Walt Disney Animation Studios e distribuído pela Walt Disney Pictures, dirigida por Rich Moore.

19.

Animação de 2009. Produção de Pixar Animation Studios. Distribuída por Walt Disney Pictures. Dirigida por Pete Docter e Bob Peterson.

20.

Animação produzida pelos estúdios Disney e Pixar. Dirigida por Lee Unkrich e Andrew Stanton (2003).

21.

Animação produzida pela Pixar Animation Studios em parceria com a Walt Disney Pictures, com direção de Pete Docter (2001).



Imagem de divulgação de *Procurando Nemo*
Disponível em: <<http://goo.gl/VGa59S>>. Acesso em: 21 set. 2015



Imagem de divulgação de *Monstros S.A.*
Disponível em: <<http://www.depoisdosquinze.com/wp-content/uploads/2013/10/monstros-sa.jpg>>
Acesso em: 21 set. 2015



Imagem de divulgação de *Toy story*.
Disponível em: <<http://goo.gl/BWBIXo>>. Acesso em: 21 set. 2015

EPÍLOGO: FIM?

Os desenhos animados, animações ou mesmo o termo que neste trabalho se propôs ponderar – textos sincréticos – surgiram no seio dessas inquietações da metamorfose humana enquanto se desenvolvia, para assim, como outros meios, expressar nossa capacidade artística, como também facilitar o processo comunicativo, social e cultural da sociedade. Assim como na Idade Média as narrativas estabeleceram seu papel social, o sincretismo dos desenhos e estes com suas peculiares expressões chegaram e se instalaram na vida humana. Este mediador ainda hoje, e provavelmente por muito tempo, fará parte do cotidiano social e coletivo do homem. Esse é um dos inúmeros motivos que devem ser tomados como fonte de difusão de conhecimento e sentido bem como fonte carregadas de crucial importância quando se fala do público infantil.

22.

O primeiro longa-metragem dos estúdios Pixar. Direção de John Lasseter (1995).

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/apsicanalisefadas.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

CORSO, Diana Lichtenstein. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Renata Udler Cromberg; ensaio bibliográfico de Paulo e Edson Sousa. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *O ego e o ID e outros trabalhos*. Tradução de Paulo César de Souza; revisão Jane Pessoa e Luciana Baraldi. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Disponível em: <<http://www.yumpu.com/pt/document/view/12719628/freud-sigmund-obras-completas-cia-das-letras-vol-16>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

GOMBRICH. Ernst Hans. *História da Arte*. 1979. Disponível em: <http://minhateca.com.br/sissadeassis/Teorias+da+Arte+Moderna/GOMBRICH.+Hist*c3*b3ria+da+arte,504224792.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

GREIMAS, A. J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2012.

MCCLLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. Tradução Helcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

PILLAR, Analice Dutra. *O sincretismo em desenhos animados da TV: o Laboratório de Dexter*. 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12419/7349>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

PSICANÁLISE na via cotidiana. Disponível em: <<http://www.marioedianacorso.com/>>. Acesso em: 18 jun. 2015.